

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR. MINERAÇÃO E PRESENÇA ROMANA NAS ALDEIAS DE FRANÇA E GUADRAMIL.

AFONSO, Belarmino

Ano: 1984 | Número: 94

Como citar este documento:

AFONSO, Belarmino, Notícias da Actividade Cultural. III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Mineração e presença romana nas aldeias de França e Guadramil. *Revista de Guimarães*, 94 Jan.-Dez. 1984, p. 430-442.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Mineração e Presença Romana nas Aldeias de França e Guadramil

Por BELARMINO AFONSO

Quase no extremo Nordeste do distrito de Bragança, a uma distância aproximada de 30 km, ficam as aldeias de França e Guadramil. A uma altitude média de 900 metros, estes povos raianos pertencem ao complexo mineiro romano do Nordeste peninsular.

A comunicação que ora apresentamos fundamenta-se em dados científicos. Pretende chamar a atenção para o problema da *romanização do Nordeste*, mas, secundariamente, quer também chamar a atenção para uma zona que, por estar afastada dos centros culturais do país, principalmente Coimbra, Porto, Braga e Lisboa, não tem merecido a devida atenção aos investigadores.

As obras clássicas sobre mineração trasmontana falam abundantemente de Jales e Tresminas. Mas, quanto a França (1), é apenas referenciada.

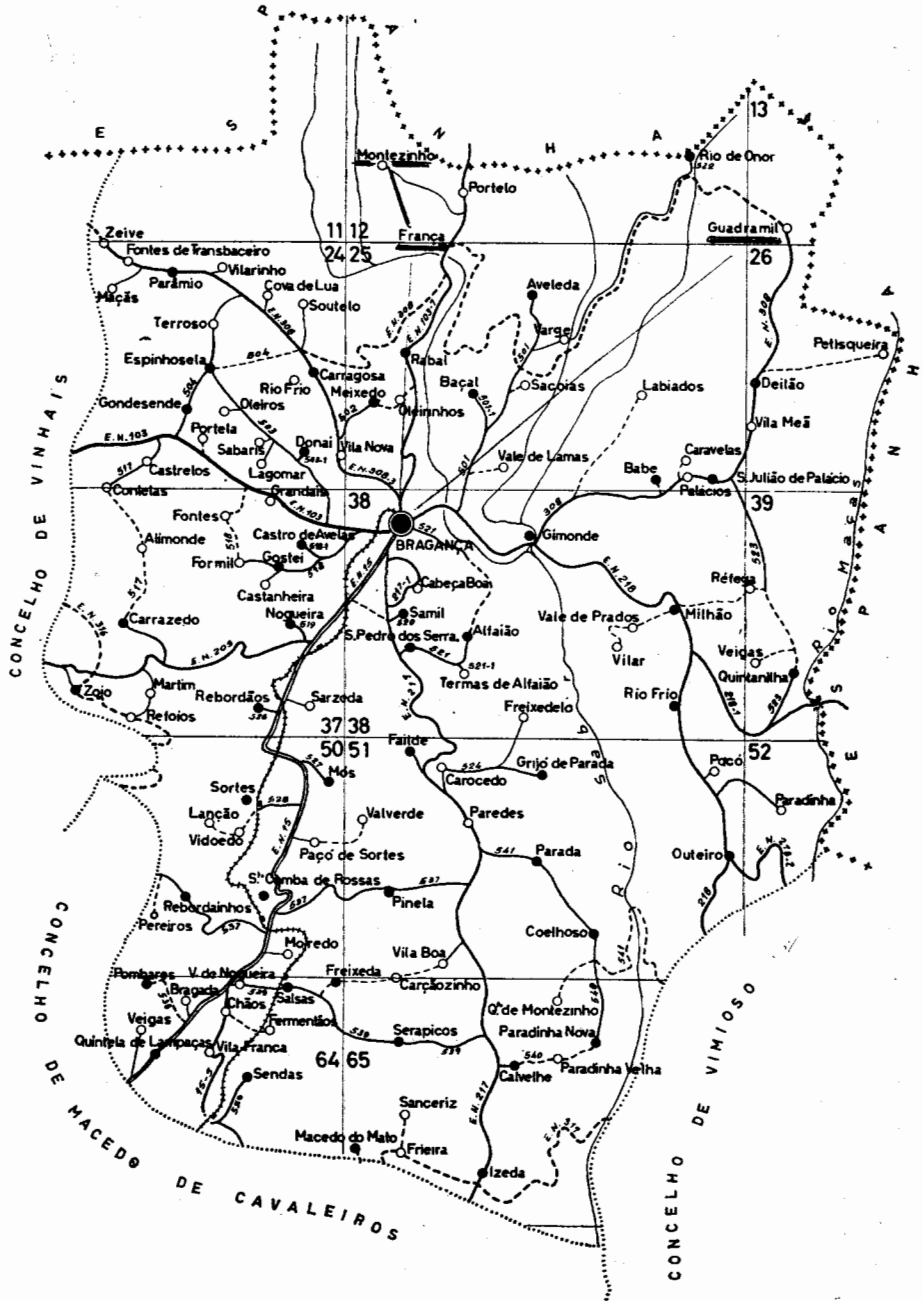
I

Mineração em França (Bragança) — Este trabalho de busca aurífera chega até aos nossos dias. Mas, quando terá começado? Tendo por ponto de apoio autores seguros (2), também nós aceitamos que ela enraíza já na Idade dos Metais. Os machados de bronze e alabardas encontradas no distrito, bem podem ser originários doutras regiões. Mas, porque não atribuí-los aos indígenas sedentarizados e profundos conhecedores das terras que habitavam?

As campanhas de Bruto e Júlio César também aqui teriam feito sentir os seus efeitos de domínio. França e Guadramil situam-se nos eixos viários muito movimentados de então. Em missão de inspecção ou apaziguamento, as legiões romanas por aqui passaram, de Braga, por Chaves,

(1) Vide Jorge de Alarcão, *Portugal Romano*; J. Silva Carvalho, O. de Veiga Ferreira, *Algumas lavras auríferas romanas*.

CONCELHO DE BRAGANÇA



passando por Vinhais ou pela Torre de D. Chama, por Bragança, dirigiram-se para Astorga.

São as vias romanas que buscam e bordejam os lugares de riqueza, quer seja comercial ou mineira. Estabelecem como que uma coluna vertebral que articula os diferentes campos: político, económico, militar, social. Os marcos miliários do Museu Abade de Baçal atestam o itinerário, nem sempre claro, da via romana que por aqui passava, em direcção a Astorga. A meio caminho entre Jales e a Asturica Augusta, França é centro aurífero de importância para a grande urbe do império romano. Pela *Via da Prata* que ligava o Norte, passando por Trás-os-Montes, com a região sul da Península (3). As numerosas galerias e escombrelas da aldeia de França também forneceram a sua quota parte ao circuito comercial poente-nascente e norte-sul.

Achados — Temos apenas referências orais, aliás fidedignas, a objectos encontrados nas galerias de França. O nosso informador (4), homem perspicaz, fala-nos mesmo de lucernas, picaretas de duas pontas. Falou também de um outro achado cerâmico (*doleum*) que levaria cerca de 50 litros.

Onde se encontram tais documentos arqueológicos? Disse-nos o informador que na altura (há cerca de trinta anos) foram levados para os escritórios do Banco Fonsecas e Burnay (5), em Lisboa.

Não se conhecem achados de moedas que confirmem o labor aurífero das minas de França.

Parece documentar-se também aqui o tipo de trabalho mineiro descrito por Plínio para a pesquisa de ouro (6). Quem vai de Bragança para a aldeia de França nota nos montes que se erguem atrás da aldeia, desmontes a céu aberto, que poderiam ter resultado também da célebre técnica *ruina montium*. Quando os trabalhos de perfuração começaram, diz-me o informador que encontraram já cerca de doze galerias, atribuídas aos romanos. Estas galerias, de tecto oval, têm em média cerca de 0,80 m de largura, e de altura podem ir de 20 até 30, 40 metros. A rede abundante de perfurações (7) e a altura de galerias provam a riqueza do filão e abundância do

(2) Mário Cardozo, Alain Tranoy, António Rodriguez Colmenero.

(3) Alain Tranoy, *La Galice Romaine*, p. 105.

(4) Manuel Joaquim Vieira, de 67 anos, natural de Valadares (Baião), reside em França, há 60 anos. Seu pai, Carlos Vieira de Sousa, era encarregado das minas. Homem arguto, Manuel Vieira conviveu com alguns engenheiros ingleses, e assimilou com precisão apreciações de carácter arqueológico, a engenheiros ingleses.

(5) Em 8-11-1982, escrevi ao Administrador do Banco Fonsecas e Burnay, Lisboa, mas não obtive qualquer resposta.

(6) Vide Mário Cardozo, *A propósito da lavra do ouro na provincia de Trás-os-Montes*, p. 124, in «Revista de Guimarães», 64, 1954, p. 113-124.

(7) Talvez seja exagerada a afirmação do meu informador, de que os engenheiros ingleses teriam demorado, em certa ocasião, cerca de 8 horas a percorrê-las.

metal desejado. Por isto, não parece que a busca de ouro fosse apenas resultado de desmontes à superfície, como se conclui das afirmações do Eng. Carlos Duque, citado por Silva Carvalho e Veiga Ferreira (8).

Junto do local chamado *Covas Altas* há ainda dois poços verticais de ventilação, abertos à distância um do outro cerca de dois metros, e com um metro e meio de lado.

Está ainda na tradição de França a busca de ouro (9) a jusante da aldeia, nas areias que o rio Sabor arrastava para as margens menos abruptas. Aparecia com o formato de pequenos grânulos, como olhos de peixe. Estas pepitas de ouro tanto poderiam resultar da erosão que as enxurradas provocavam nas terras altas, como das terras provenientes dos desmontes e galerias.

A toponímia — Embora alguns nomes se possam ter formado em épocas mais recentes que não a romana, outros são também indicadores seguros de uma forte acção mineira dos romanos. Seguindo a ordem alfabética, encontramos no Cadastro das Finanças, confirmado depois na aldeia, os seguintes nomes: *Castro*, *Castrelejo*, *Cabaige* (=Cavagem), *Covas Altas*, *Covas de Vila-rinho*, *Detrás da Retoria*, *Escoredo*, *Ferraria*, *Frágoa*, *Falgueirão*, *Fonte Cova*, *Porto Sabor*, *Porto Seabrês*, *Seixagal*, *Vale de Veneiro*.

Covas Altas refere-se a uma depressão de cerca de 50 m de comprimento por 10 m de fundo, hoje coberta de mato rasteiro e de pinhos. Resultante da movimentação de terras, também as *Covas Altas* poderiam servir para reservatório de água que, dotado de comportas, serviria para purificar o ouro, separando-o da terra por decantação, em sucessivos momentos, pela encosta abaixo.

No planalto de Montesinho, a cerca de 4 km., a Norte das *Covas Altas*, encontramos uma espécie de represa para captação de águas. Há vestígios de duas agueiras. Uma delas provém do local chamado Prado Santo, e outra de Porto Furado. Para passagem das águas foi necessário perfurar o granito. O buraco com 1 m de diâmetro deu o nome ao local. No enfiamto deste topónimo e distante dele cerca de 20 m fica outra corta num afloramento granítico (10). As águas não correm hoje por esse local. A constituição arenosa do planalto, pouco consistente, facilitou o abaixamento do leito das águas, obrigando-as a deslocarem-se por outro local.

Esta agueira torna a perceber-se ainda a cerca de 1 km a norte da

(8) J. Silva Carvalho e O. Veiga Ferreira, *Algumas lavras auríferas romanas*, in «Estudos», Notas e trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro, 9, 1954, p. 20-46.

(9) «Muita gente se recorda ainda hoje em França de, pelos anos de 1874, virem mulheres extrair ouro por meio de lavagens das areias do Sabor, junto à sua povoação. Macedo Pinto, lugar citado, refere também a tradição relativa à extracção do ouro das areias do rio junto a França» — Memórias, Vol. II, p. 412, in Abade de Baçal.

(10) Tem cerca de 3 m de altura, por 5 m de comprimento, e 0,40 m de largura.

aldeia de Montesinho, sobranceira a um caminho que os Serviços Florestais abriram. Segundo reza a tradição local, dirige-se para *Covas Altas*.

Os topónimos *Escorado*, *Ferraria*, *Retorta*, por si sós, podem não atestar a paternidade da mineração romana, mas também não se opõem a esta hipótese. A poente da aldeia de França, no local chamado Barreira, há um monte de *escórias*. Tem cerca de 12 m de comprido por 7 m de largo, e 2 m de alto.

† Não se nota qualquer sinal de forno, nem foram encontrados cadinhos. Nem admira, pois o declive e erosão fácil, depressa fariam desaparecer tais testemunhos históricos. A *Ferraria* é um local que se situa ao cimo da aldeia. Para lá deviam convergir duas agueiras (uma de cada lado da margem do Sabor) e que descem do vizinho termo da aldeia de Soutelo.

Os topónimos *Porto*, *Sabor* e *Porto Seabrês*, merecem também uma pequena referência. Designam lugares de passagem, como se sabe. O último, *Porto Seabrês*, é muito elucidativo. Certamente que o nome lhe foi dado pela vizinha serra espanhola *Sanábria*. Não longe de França fica também a aldeia espanhola de *Puebla de Sanábria*. *Puebla* ou *Póvoa*, e *Porto Seabrês*, apesar de bastante distante daquela, fazem-nos pensar numa via comercial e colonização romana, de relações mútuas entre os dois locais, desde o século primeiro a. C., até ao séc. 3.º

População Mineira — Neste campo não faremos mais do que seguir os autores clássicos e actuais que trataram do mesmo tema (11). A grandiosidade das obras de França exigia, assim como noutros locais, uma população mineira abundante, de origem escrava (12). Dada a resistência que os indígenas puseram aos invasores, temos de admitir também aqui, que as populações autóctones seguiram a sorte das congêneres de outras partes do Império. Escravos domésticos, escravos ligados aos trabalhos agrícolas e escravos das minas, também aqui levariam uma vida diferentemente dura.

Deveria ser heterogénea a população que manteve o labor mineiro em actividade (13). O vulto da exploração exigia o concurso de braços vindos de outras regiões mineiras. Um trabalho linguístico sobre os diversos nomes (*divindades*, *antropónimos*, *topónimos*) forneceria dados indispensáveis sobre o lastro cultural e histórico dos povos que aqui trabalharam e se fixaram.

A romanização intensa desta área, confirmada pelas inúmeras estelas funerárias, indicadores de colonização e outros, pode explicar-se também por interesses que gravitam em torno da agricultura e da mineração. Os escravos ligados à terra tinham de produzir o suficiente para alimentar a popula-

(11) Antonio R. Colmenero, *Galicia Meridional*, p. 198, cita Plínio.

(12) Mário Cardozo, op. cit. p. 122.

(13) A. Colmenero, op. cit. p. 281 e segs.

ção mineira. As pequenas veigas do termo de França e das aldeias limítrofes, são bastante produtivas para fornecerem o indispensável, de modo que os *damnati ad metalla* não morressem de fome. Raros escravos mineiros mereceriam a manumissão. Não admira, portanto, que das estelas funerárias conhecidas, nenhuma se refira a algum escravo mineiro desta zona *

Ainda hoje as zonas mineiras revestem aspectos específicos. França não foge a essa excepção. A coesão social é mais frouxa. A agitação pronta a tomar corpo a cada momento. Para reprimir tais anseios Roma possuía as suas cortes e legiões. Não repugna que nesta região aurífera tivessem sediado algumas guarnições do exército imperial⁽¹⁴⁾. A *pax romana* e o bom andamento dos trabalhos exigiam essa presença, dissuasora de qualquer revolta. Há três estelas funerárias a que alude o Abade de Baçal⁽¹⁵⁾. Duas delas referem-se a militares mortos em aldeias vizinhas (*Castro de Avelãs e Babe*). Naturais ou de passagem pelas respectivas aldeias, estes militares podem estar ligados a uma guarnição encarregada de aqui manter a ordem. A sua presença está comprovada em Tresminas. Mais dados podem aparecer ainda para confirmar o estacionamento de uma guarnição em *Castro de Avelãs* (como opina o Abade de Baçal) e França.

Os grandes pólos, comerciais ou industriais, são em todas as épocas centros de atracção para grupos humanos algo estranhos a esses serviços⁽¹⁶⁾. Geram-se, deste modo, correntes migratórias de um centro para outro, ou do campo para esses lugares. Por isso, ao lado de uma maioria escrava, poderiam também encontrar homens livres que se haviam instalado no sector mineiro.

Em que proporção as minas de ouro de França terão contribuído para os 7% ou 6500 kg de ouro que o Nordeste forneceu ao Império romano no tempo dos Flávios?⁽¹⁷⁾

Mas, nem só o ouro foi procurado pelos romanos. Também o *estanho* estava dentro dos seus interesses. As cassitérides da Galiza polarizaram um comércio não só atlântico, mas também continental, a que já nos referimos⁽¹⁸⁾.

Um pouco a noroeste de França fica a aldeia de Montesinho que deu o nome às minas que ainda estão em laboração. Sem usar argumentos apodí-

(14) A. Tranoy, op. cit., p. 233.

(15) 1. — D.M. / (Ca)lpurnio Reburriño equiti (Ala) II p(onendi) / c(uravit) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis). — Abaixo da inscrição está gravada uma espada de tipo ibérico, no dizer do Abade de Baçal. Este Calpúrnio Reburriño seria um cavaleiro que acompanhava as tropas romanas. Perto, como o Abade de Baçal refere, há quatro castros de grande envergadura: Sapeira (Babe), Caravela, Milhão e Castragosa.

2. — D.M. / Procleio / Gracili / Annorum LV / S(it) T(ibi) T(erra) L(evis). — Soldado da Legio VII, pertenceria a uma guarnição acampada em Castro de Avelãs, ou apenas um elemento incorporado nas tropas romanas?

(16) A. Colmenero, op. cit., p. 90; A. Tranoy, op. cit., p. 233.

(17) A. Tranoy, op. cit., p. 233 e segs.; Mário Cardozo, op. cit. p. 124.

(18) A. Tranoy, op. cit., p. 104.

tiços a favor da mineração romana, também o Abade de Baçal a ela se refere. Falámos também com o actual engenheiro director das minas de Montesinho. Foi de opinião que a exploração romana devia ter sido pouco intensa.

II

A mineração do ferro na aldeia de Guadramil — Não muito distante de França fica a aldeia de Guadramil. A tradição mineira orientou-se, creio, quase só para a exploração do ferro. Sem o interesse comercial que o ouro lhes suscitava, os romanos não exploraram intensivamente as jazidas de pirite de Guadramil. A exploração devia corresponder somente a necessidades de consumo local. Assim se deve ter mantido a comercialização do ferro até meados do séc. passado.

Também não se conhecem aqui vestígios romanos (ferramentas, moedas). O informador⁽¹⁹⁾ diz que nos trabalhos encontraram quatro galerias antigas. Uma galeria, a da *Gândara*, aberta em forma de ovo, terá 100 m de comprimento por 2 m de alto. No local *Fonte de Manacarvões* há três galerias. Dista da aldeia para norte serca de 4 km. Nelas encontraram apenas como vestígios arqueológicos uma *carreta de madeira e os ossos da mão* de um homem, debaixo de uma enorme pedra.

Já que os dados arqueológicos faltam, coligimos alguns topónimos, para que os linguistas possam encontrar neles elementos que sirvam de pista aos arqueólogos para formularem juízos sobre a época de exploração: — *Adral, Boca das Cabanas, Boca do Chiqueiro, Boca de Lagomar, Boca do Manadal, Cabanas, Cova das Cabanas, Cova da Orreta, Coval do Cabo, Escajagal, Escórias, Escoredo, Foio, Molinão, Orreta dos Malbos, Pedreira, Penosa, Serra do Veneiro.*

Acima de um moinho em ruínas, local chamado Molinete, existem restos de muros, feitos de alvenaria e cal. O tipo de construção e o material usado parece tratar-se de uma construção romana. É possível que uma pedra epigrafada que apareceu a montante desta obra explicasse e fizesse luz sobre as ruínas desta antiga *ferraria*⁽²⁰⁾ que, no dizer das pessoas da aldeia, nunca trabalhou. Na margem direita do ribeiro, a jusante da represa, ainda se notam muretes, de secção quadrangular, que apoiariam algumas condutas de água.

Conclusões — Em virtude de certa grandiosidade dos vestígios das minas de França, não se pode subestimar a sua importância arqueológica para o

(19) António dos Santos Rego, de 56 anos, casado, natural de Guadramil.

(20) Segundo me disseram, foi levado há três anos, para Lisboa, pelo antropólogo Pais de Brito, na altura a fazer um trabalho de investigação antropológica em Rio de Onor.

conhecimento da romanização desta região. Os desmontes ainda visíveis, bem como as galerias conhecidas, supõem um trabalho intenso e a consequente organização da massa humana que aqui trabalhou. Escravos, familiares e soldados, eis os estratos sociais que realizaram tal empresa económica.

França, tal como Jales e Tresminas, fica no eixo viário do complexo industrial mineiro. A parte norte do eixo que circuitava o ocidente da Península, surgiu como necessidade para escoamento do metal nobre, indispensável à economia do Império.

A riqueza agrária das pequenas veigas que bordejam rios ou ribeiros de pequeno curso, constitui também um suporte económico, indispensável à sustentação dos mineiros.

O estanho e o ferro, embora explorados em menor quantidade, também mereceram o interesse dos romanos colonizadores do Nordeste bragançano.

BIBLIOGRAFIA

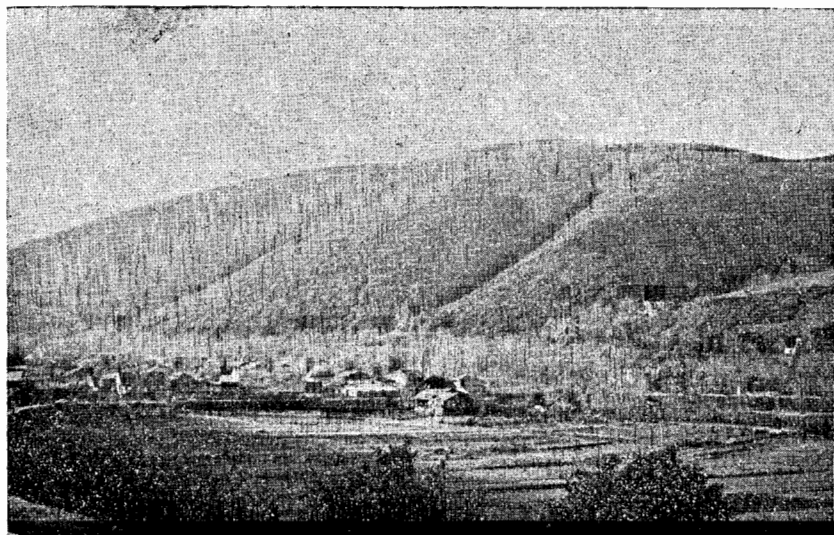
- 1 — ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal). — *Memórias arqueológico-históricas*.
- 2 — ALLAN, John C., — *Mineração em Portugal na antiguidade* in «Bol. Minas», (Lisboa) 2(3), 139/175, Jul./Set. p. 965.
- 3 — ALARCÃO, Jorge de. — *Portugal Romano*, Lisboa, Edit. Verbo, 1973.
- 4 — CARDOZO, Mário. — *A propósito da lavra do ouro na província de Trás-os-Montes durante a época romana*, in «Revista de Guimarães», 64, 1954, pp. 113-141.
- 5 — COLMENERO, António Rodriguez. — *Galicia Meridional Romana*, Universidad de Deusto, 1977.
- 6 — ALAIN, Tranoy. — *La Galice romaine*, Paris, Diffusion de Boccard, 1981.



Porto Furado (*Montesinbo*) — Possível abertura feita pelos romanos para passagem da água



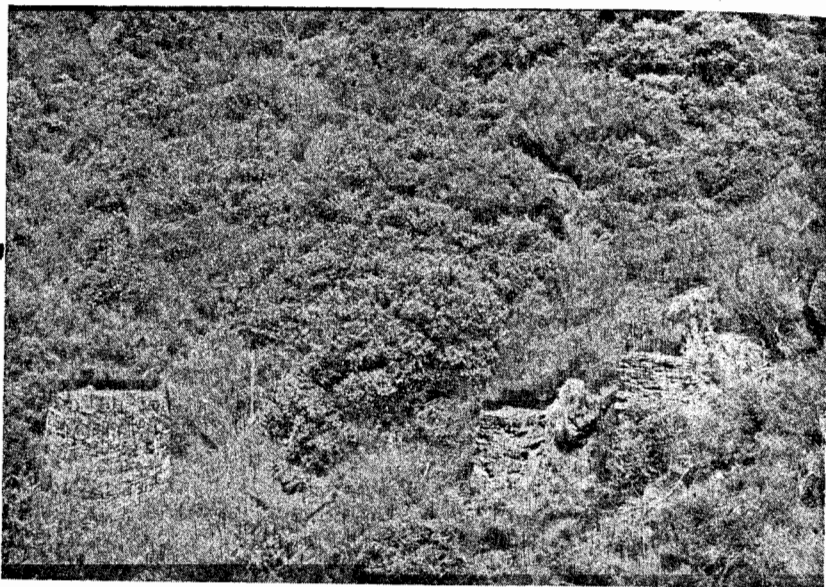
Porto Furado (*Planalto de Montesinho*) — *Corte de execução romana (?) feito no granito para passagem da água que ia para as Covas Altas, a 4 km*



Aldeia de França — Atrás vêem-se as Covas Altas e alguns desmontes



Escórias — Encontram-se a poente da aldeia de França, e resultaram da purificação do ouro. (12×7 m, e 2 m de alto)



Guadramil (*Bragança*) — *Restos de uma ferraria romana (?)*



Guadramil (*Bragança*) — *Muretes, na margem direita do ribeiro, para suporte de uma conduta de água para a Ferraria*